

Mobiliário escolar francês e os projetos vanguardistas de Jean Prouvé e André Lurçat na primeira metade do século XX

French school furniture and the avant-garde projects of Jean Prouvé and André Lurçat in the first half of the twentieth century

Marcus Levy Bencostta¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar a história do mobiliário escolar enquanto componente de uma modernidade que tem como um dos seus focos de discussão os discursos e os projetos idealizados pelos arquitetos. Esta é a tentativa de tentar enxergá-los como autênticas peças de investigação que facilitam a compreensão de uma das faces da cultura material escolar. Com o presente tema coloco em cena a valorização do papel desses profissionais, muitos deles desconhecidos da historiografia da educação, que juntos com educadores e médicos pensaram caminhos possíveis para uma escola que almejava ser moderna. Assim, concentrarei minhas análises na realidade do ocidente europeu da primeira metade do século XX e o papel que desempenharam alguns arquitetos franceses como protagonistas na configuração de um mobiliário que procurava alcançar demandas que favorecessem a saúde e a aprendizagem dos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: cultura material escolar; arquitetura escolar; mobiliário escolar; História do Design.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the history of school furniture as a component of a modernity that has the speeches and projects idealized by architects as one of its centers of discussion. This is an attempt to see them as authentic

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Educação. R. General Carneiro, nº 460. Curitiba, Paraná, Brasil. CEP: 80060-150.

pieces of research that facilitate the understanding of one face of material culture school. With this theme, I place in scene the appreciation of the role of these professionals, many of them unknown for the historiography of education who, together with educators and doctors, thought possible paths to a school that was trying to become modern. Thus, my analysis will concentrate on the reality of Western Europe in the first half of the twentieth century and the role some French architects played as protagonists in setting up furniture that sought to achieve demands which would favor the health and learning of students in the classroom.

Keywords: school material culture; architecture school; school furniture; History of Design.

Na minha escola primária, eu não fui nunca uma aluna da frente. A escola tinha bancos compridos sem encostos, afastados da parede porque a mestra não aceitava que a criança recostasse. Nessa escola, fui sempre do banco das mais atrasadas, sempre! Tive muita dificuldade para aprender, ou a escola não me servia, ou eu não servia para a escola, até hoje não defini muito bem [...] De modo que eu ia ficando no banco das atrasadas até não sei quando. Um dia aprendi alguma coisa e fui passando para o banco da frente com muito vagar, muita demora, muito esforço...

(CORALINA, 1981, p. 142)

A participação dos arquitetos se fez presente no mundo da educação pelos diversos projetos de edifícios e casas destinados para fins de ensino, quer fossem eles escolas primárias, liceus, ginásios, escolas normais ou universidades. Mas é preciso acentuar que a proliferação dos regulamentos e textos ministeriais dos diversos países europeus que tratavam dos equipamentos que deveriam suprir as novas escolas, isso desde a segunda metade século XIX, abriu espaço para que a linguagem arquitetural intensificasse sua presença no universo escolar, desta vez com ideias que moldavam novas técnicas no emprego de materiais que melhorariam consideravelmente a higiene das crianças, com a concepção de móveis que deveriam ser utilizados nas diversas atividades didáticas da instituição educacional.

Para problematizar essa realidade, tomo como fonte privilegiada os desenhos de alguns importantes arquitetos franceses do século XX, tais como Jean Prouvé e André Lurçat, exemplos de morfologias cercadas pela modernidade e pela vanguarda artística de sua época. Mas também utilizo outros documentos que me auxiliaram na explicação e na análise de uma cultura em um tempo onde

se constata uma rápida evolução na qualidade do mobiliário escolar, documentos tais como, as normatizações concernentes à construção das escolas primárias, os catálogos comerciais de venda de móveis e as revistas especializadas em arquitetura, em especial àquelas publicadas na França.

Parto do princípio que o desenho desse mobiliário não deixou de acompanhar as transformações e as experiências dos discursos e projetos arquiteturais voltados para a construção de edifícios escolares. Ao pensar desse modo, vem de imediato uma questão que diz respeito ao modo como os arquitetos reagiram à preocupação de médicos e educadores que diagnosticavam a necessidade de objetos que estivessem higienicamente adequados ao bem-estar dos alunos em sala de aula. Certamente, pensaram que as técnicas ergonômicas e estéticas utilizadas nos novos materiais não deveriam contrapor-se às ideias pedagógicas modernas. Digamos que eles não permitiram que tais questões fossem despercebidas em seus desenhos, e ao seu modo interagem com esses outros profissionais, também preocupados em formatar o universo escolar.

Se recuarmos um pouco nossa atenção para década de 1870, quando a preocupação maior daqueles que concebiam os móveis escolares não era necessariamente a higiene da criança, mas primeiramente a simplicidade de um mobiliário barato na sua fabricação, quando majoritariamente nas escolas europeias os bancos escolares eram feitos em madeira para o uso de vários alunos ao mesmo tempo, identificaremos outros equívocos dos construtores de mobiliário que acreditavam serem os bancos escolares úteis para o desenvolvimento de aulas com número grande de alunos. Argumentavam que o tamanho dos bancos que podiam abrigar de 4 a 8 alunos permitia que os mesmos deixassem seus assentos sem deslocar seus vizinhos, sem comprometer, portanto, as atividades didáticas do grupo (CATALOGUE, 1879). O pintor realista francês Henri Goeffroy nos revela por seu olhar, dentre outros aspectos da cultura escolar francesa, o cotidiano de uma classe de meninos em atividade escolar que, sob a supervisão de sua professora, estão assentados desconfortavelmente em bancos inapropriados para a sua saúde infantil, os tais bancos escolares.

Mas no início da década de 1880, as técnicas fabris para a construção de móveis que mesclavam o emprego do ferro fundido com a madeira começam a ser preferência no mundo industrial (CATALOGUE, 1888-1889-1890).

No caso francês, nas instruções ministeriais sobre os mobiliários escolares de 1880, o Ministério da Instrução Pública indicava qual deveria ser o mobiliário que toda casa escolar deveria possuir. Estas recomendavam que as carteiras deveriam ser de um ou dois lugares, de preferência para um aluno, “Nos edifícios onde não funcionavam escolas maternas foram 4 os tipos de carteiras apropriadas ao tamanho dos alunos” (RÈGLEMENT, 1880, p. 19).



FIGURA 1 - “EN CLASSE, LE TRAVAIL DES PETITS” (HENRI GEOFFROY, 1889)
FONTE: Cartão Postal (Bibliothèque Nationale de France) - Acervo particular.

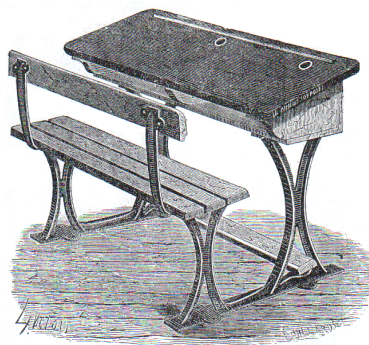
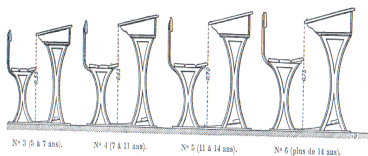


FIGURA 2 - PERFIS DE CARTEIRAS NISIUS (DELAGRAVE) / CARTEIRA NISIUS (DELAGRAVE) PARA 2 ALUNOS
FONTE: Catalogue (1913, p. 8) e Catalogue (1882, p. 9).

As opiniões dos arquitetos desse período se distanciavam daquelas adotadas por quase todos os demais do Novecentos, na grande maioria opiniões despreocupadas com a saúde do corpo das crianças quando desenhavam bancos e carteiras nos quais deveriam permanecer a maior parte do tempo em sala de aula. Porém, por toda a Europa, encontramos exemplos que escapam a essa

regra, como a do arquiteto francês Thiervoz, que preocupado com o bem estar da criança não hesitou em defender um maior conforto para ela.

A criança quando sentada deverá ter seus pés repousados no chão e as pernas perpendiculares ao solo, os quadris formando um ângulo direito com as pernas, e o tronco e outro com os quadris [...] a coluna vertebral forma um conjunto ao nível da região lombar. Para isso, a abertura da carteira escolar deverá estar na altura do estômago da criança (LA SEMAINE DES CONSTRUCTEURS, 1879, p. 270).

Nem sempre a palavra de ordem para investir em móveis simples, robustos, fáceis de construir e de baixo custo foi levada à risca como desejavam os administradores de cofres públicos. Se no século XIX, de modo geral, o que existia nos estabelecimentos de ensino estava resumido a bancos e mesas confeccionados em madeira e divididos coletivamente para até seis pessoas, já no início do século XX outras intervenções contribuíram para o desenvolvimento de um mobiliário diferenciado, desta vez com ajustes adaptáveis, capaz de ser utilizado por alunos de diversas idades e alturas. Os exemplos são inúmeros dos construtores, professores, médicos e arquitetos que patentearam mesas e bancos escolares, tais como, Jules Rappa, Félix Narjoux, Mauchain, Deyrolle, Dedet, Dr. Boissière, Prof. Louis, Savary, Billard, Brudenne, Müller, Fischel e Nisius, cujas invenções privilegiavam o uso do ferro fundido e da madeira, ou quando não apenas madeira.

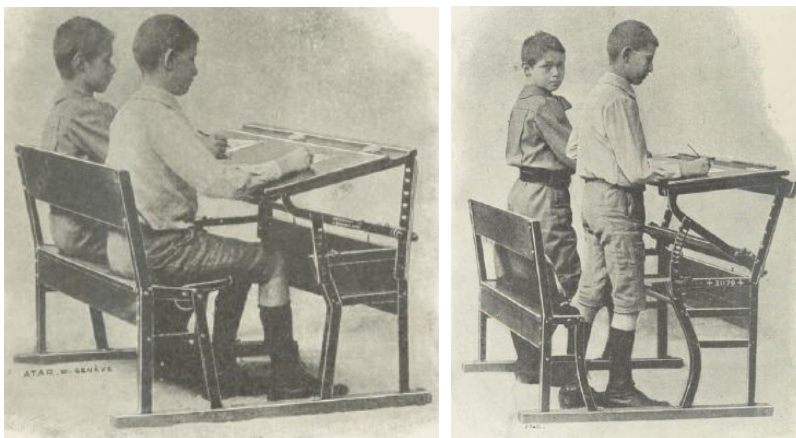


FIGURA 3 – CARTEIRA MAUCHAIN (GENEBRA)
FONTE: *Traité d' Hygiène* (1914, p. 159-160).

A ideia era que o ajuste do apoio para os pés por meio de pedais ajudaria a descansar a coluna vertebral, e o regular da altura do tampão da mesa proporcionaria uma melhor visão do aluno de seu mestre. Fixados por uma higiene que entendia a simetria corporal que prescrevia posturas rígidas como salutares à saúde do aluno. Em algumas dessas invenções foram instaladas barras verticais entre as pernas, na altura das canelas, a fim que se evitasse que os alunos cruzassem suas pernas. Mas foi preciso avançar o século XX para a chegada das primeiras carteiras de aço tubular laminado, que, comendo com a madeira, levou ao desuso do ferro fundido, cada vez mais raro como na construção de móveis escolares. Portanto, a leveza e a mobilidade da madeira aliada à resistência do aço foram aspectos que favoreceram a sua propagação por toda a Europa, ao menos até a revolução que o material plástico proporcionará na segunda metade do século XX. Entretanto, é preciso reconhecer que historicamente foi graças ao aço tubular que um estilo de móvel escolar se impôs: a carteira individual e independente do aluno.

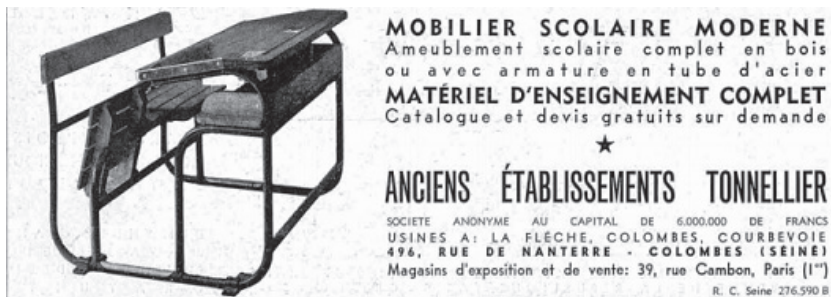


FIGURA 4 - ANÚNCIO DE MOBILIÁRIO ESCOLAR
FONTE: Architecture d'Aujourd'hui (1938, p. 31).



FIGURA 5 – CARTEIRAS MODELOS “VILLE DE NANCY”
FONTE: Architecture d'Aujourd'hui (1934, p. 24) e Catalogue (1935, p. 5).

Além da questão da aplicação do material, os arquitetos estiveram constantemente atentos aos fatores ergonômicos dos móveis e aos contratempos que poderia acarretar com a sua falta de atenção. De modo semelhante às preocupações médicas discutidas desde os primeiros congressos de higiene, problemas cada vez mais presentes nas escolas como a miopia, escoliose e outros vícios físicos não passaram despercebidos nos regulamentos que orientavam a dimensão correta dos bancos e carteiras de acordo com a idade do aluno, como previam as exigências da higiene e dos novos métodos pedagógicos.

Em matéria intitulada “A Escola Moderna”, publicada em uma revista de arquitetura belga (BÂTIR, 1934, p. 589), um dos inúmeros especialistas europeus em higiene infantil na década de 1930, Dr. Eitner, tratou da importância de como deveria ser o mobiliário destinado à escola, em especial, à maternal. Para ele, os móveis deveriam ser práticos em sua concepção e execução. Leves para facilitar seu deslocamento e manuseio. A sua robustez não deveria comprometer em nada a sua leveza e os cantos arredondados evitariam acidentes decorrentes dos choques ou chutes. Os móveis deveriam possuir cores vivas e no seu conjunto ser bem adaptados à escala física da criança e ao seu comportamento.

Em seu artigo “O problema do mobiliário escolar” (ARCHITETURE AU JOURD’HUI, 1938, p. 84-87), Maurice Barret, arquiteto e admirador dos princípios da Escola Nova², defende ser o mobiliário escolar uma excelente oportunidade para o bom desenvolvimento físico e psicológico da criança, mas que, infelizmente, enfrenta o inconveniente de ser visto como uma preocupação eventual. O problema do mobiliário escolar depende do desejo de “equipar” racionalmente a escola, o qual não pode ser entendido como um acessório menos importante aos olhos do professor e da escola. Desmerecer este pensamento, justificando que esta preocupação seria um mero capricho, é desconsiderar as necessidades contemporâneas de ensino se comparadas àquelas do passado. No jardim de infância, por exemplo, é preciso levar em conta que a criança pequena possui necessidades muito específicas que exigem do fabricante uma série de considerações quase médicas. Primeiro, a carteira deve ser prontamente lavável e todas as pontas e ângulos sejam ondulados para evitar qualquer tipo de acidente e, por fim, que seja muito leve e durável. Se o mobiliário escolar for bem desenhado, continua Barret, é ele que deve se adaptar à escala da criança. É o que podemos perceber na figura da carteira que esse arquiteto desenhou:

² Maurice Barret, em artigo intitulado “A Educação Nova e a Arquitetura Escolar”, destaca sua admiração pelos princípios da Escola Nova que preservam o instinto criativo da criança em toda a sua força e atividade, em um lugar que encanta a imaginação e o desenvolvimento de seu sentido estético (ARCHITECTURE D’AUJOURD’HUI, 1936, p. 13-14).

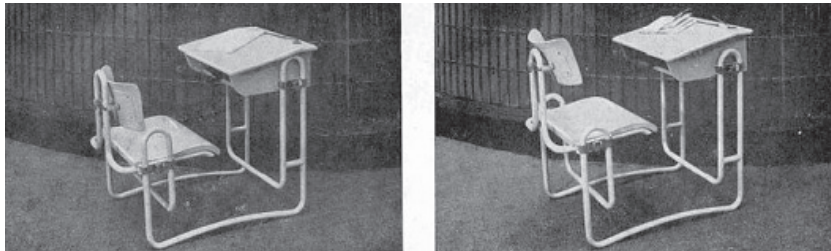


FIGURA 6 - CARTEIRA MAURICE BARRET
FONTE: *Architecture d' Aujourd' hui* (1938, p. 84).

Neste artigo, o autor conclui ser cada vez maior o interesse dos arquitetos pelo mobiliário escolar, não mais restrito às mesas e cadeiras, mas a um conjunto diverso de equipamentos que lhes chamam à atenção, tais como, bibliotecas, quadros de ensino, armários, vitrines para exposição de coleções, etc. Ao propor um material que familiarizasse os alunos com o conteúdo a ser ensinado e, na maioria dos casos, podendo ser manipulados por eles mesmos, faria desaparecer, paulatinamente, os grossos armários em madeiras nobres onde quase nenhum aluno tinha acesso, dando espaço para as novas tendências da pedagogia que incentivava os professores a permitirem a seus alunos tomar contato físico com as vitrines, armários e outros mobiliários, antes restritos ao manuseio do mestre.

Um dos resultados do processo de modernização da escola dos anos de 1950 colocava em cena a mobilidade dos equipamentos como um novo desafio ao mobiliário, os quais deveriam responder à altura os pressupostos desse momento de atualização. É certo que não estamos falando de padronização, a autonomia dos sistemas nacionais de ensino adotaram peculiaridades que os diferenciavam, mas que certamente atendiam às prescrições gerais recomendadas por arquitetos, médicos e educadores. Foi assim que a partir dos anos de 1940, projetos de arquitetos de carteiras individuais com suas cadeiras independentes foram adotados na França, particularmente na cidade de Paris. O mesmo não acontece na Inglaterra, onde por influência dos educadores britânicos preferiram a mesa de dois lugares com duas cadeiras móveis pautados em razões psicológicas de trabalho em comum, que contribuiria no desenvolvimento do espírito coletivo entre os alunos. Entretanto o princípio de mesas e cadeiras independentes tinham a vantagem de se adaptarem a todas as idades, além de permitir múltiplas disposições em sala de aula.

Enfim, certos pontos em comum estão presentes no pensamento funcional, higiênico e estético para o mobiliário da escola, pensado por arquitetos, médicos e educadores, que aos seus modos elaboraram discursos, defenderam

ideias e propuseram linguagens que procuravam relacioná-las às modificações que estavam a acontecer no mundo da educação de crianças³.

Vejam os exemplos de dois grandes arquitetos franceses que durante as décadas de 1930-1950 desenharam em seus ateliês um mobiliário escolar que tentava corresponder às prescrições de médicos e educadores.

Jean Prouvé: do ateliê a transmissor de uma Cultura Material Escolar

Arquiteto francês considerado um vanguardista de seu tempo, foi o fundador da União dos Artistas Modernos (1930) e autor de vários edifícios premiados, como o Aeroclube de Buc (1935) e a Casa do Povo de Clichy (1937-1939). Foi o vencedor do concurso para construção do Palácio da Feira Internacional de Lille (1950-1951) e da Feira Internacional de Grenoble (1968).

Voltando um pouco o tempo, 1924 foi o ano que Prouvé inaugurou seu ateliê em Nancy, sua cidade natal, ao sul da França, voltado exclusivamente para o trabalho com o metal. Suas primeiras obras utilizaram a técnica de metal frio através de marteladas na própria peça a ser “esculpida”. Logo em seguida, em 1926, intensifica seu interesse por móveis, inclusive os escolares, como uma atividade de natureza artística que utilizava a seguinte metodologia: sua ideia inicial era traduzida em desenho para depois construir artesanalmente um protótipo a ser encaminhado aos construtores. Os estudiosos franceses da história desse arquiteto concordam que ele acreditava não ser autor único de suas obras, pois defendia em seus poucos escritos que elas foram resultado de um trabalho em equipe na troca de ideias entre seus diferentes auxiliares, muitos deles metalúrgicos e marceneiros.

Ao final da década de 1920, ele assistirá o uso do aço tubular cromado na indústria do mobiliário escolar europeu, invasão que particularmente o incomodava, preferindo o aço inoxidável e o alumínio (DAMISH, 1990). Apesar deste conflito, com o avanço das décadas, seu ateliê assumiu características de uma oficina construtiva, origem da empresa que ele fundou em 1947: a Sociedade de *ateliers* Jean Prouvé.

Historiadores da arte e do design consideram os móveis desenhados por Prouvé como clássicos modernos, cuja função principal reside no emprego moderado dos materiais, reduzindo-os à sua própria funcionalidade. A esse respeito podemos perceber essa linguagem nos projetos que fez para carteiras escolares, a seguir:

³ Para uma discussão acerca da relação da memória e a cultura escolar frente às linguagens imagéticas utilizadas pela escola, consultar Bencostta (2011).

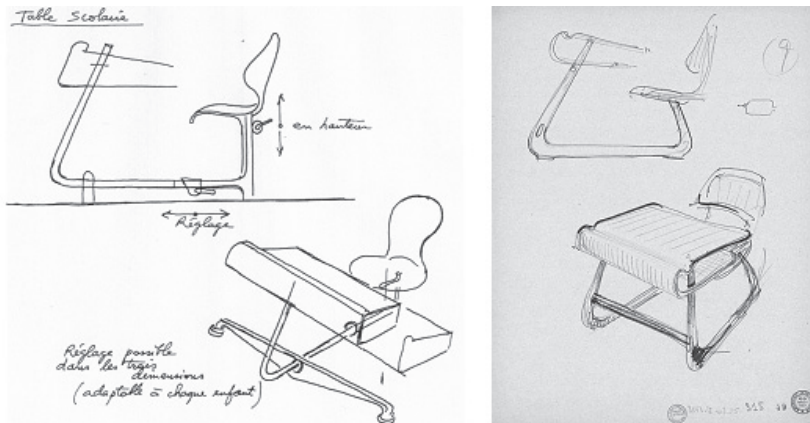


FIGURA 7 – PROTÓTIPOS DE CARTEIRAS ESCOLARES JEAN PROUVÉ
FONTE: Prouvé (1990) e Croquis de Mobilier Scolaire (2012).

No caso do primeiro croqui, a regulagem da altura da cadeira e a distância da mesa são possíveis com as manivelas posicionadas nas colunas vertical e horizontal, permitindo o seu ajuste conforme o tipo físico do estudante. Este foi um cuidado que Prouvé teve que ia ao encontro das determinações ergonômicas pautadas pela medicina para a saúde do corpo da criança desde o início do século XX, raramente obedecidas, mas que no segundo croqui é perceptível. Outra característica de seu mobiliário escolar é a mobilidade, como as das cadeiras de ensino infantil que ele desenhou para École de Plein Air de Suresnes.

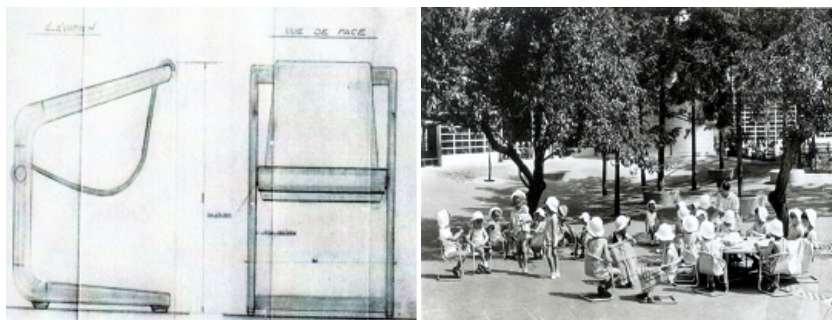


FIGURA 8 - CADEIRA DESENHADA ESPECIALMENTE PARA A ÉCOLE DE PLEIN AIR DE SURENES
FONTE: Geest (1991, p. 63) e Album d'École de Plein Air de Suresnes (1940).

Prouvé investe na sua mobilidade ao desenhá-la a partir de uma barra torcida de aço como se os elementos de suporte acabassem de ser submetidos a um movimento de rotação. Este princípio está representado nos pés da cadeira para trás, que fixam sua resistência sobre um eixo que se dispersa para baixo, seguindo uma posição oblíqua, tal como demonstra a nitidez da foto da figura 8.

Segundo Peters (2006), Prouvé lutou constantemente para não se tornar um escravo da forma, o que o levou a rechaçar a estética do aço tubular dos arquitetos da Bauhaus, tais como, a premiada cadeira em aço tubular desenhada por Marcel Breuer (1927)⁴, consagrada com o nome de Wassily em homenagem ao amigo Kandinsky. Esta cadeira causou tanta impressão ao Diretor da Bauhaus, Walter Gropius, que ele lhe encomendou a missão de projetar a maioria do mobiliário do edifício da escola em Dessau (Alemanha). O seu “mobiliário de metal” deu um contributo decisivo para a imagem da Bauhaus em exposições e publicações. Revestida a níquel ou cromo, o mobiliário em aço tubular, que pouco tempo depois começou a ser desenhado por outros arquitetos e designers, tornou-se uma expressão de uma linguagem objetiva, funcional, conveniente, leve, higiênico e prática (COBBERS, 2008).

Nas figuras da página seguinte, os modelos dessas carteiras de metal e carvalho aparente, para além de ocupar o espaço com sua linguagem, traduzem na expressividade dos detalhes do conjunto de seus componentes princípios de estabilidade e solidez. As carteiras da imagem inferior foram uma encomenda da *École Nationale Professionnelle* da cidade de Metz no ano de 1935, que anos mais tarde foram apresentadas na *Exposition Internationale de Artes et Techniques dans a Vie Moderne*, instalada em Paris entre 25 de maio e 25 de novembro de 1937.

Sobre a estética do mobiliário de Prouvé, é bastante interessante a análise feita por Nils Peters:

[...] a união da mesa com o assento traduz a preferência de Prouvé pelas peças polivalentes, o que se pode observar em seus móveis e obras. Em repetidas ocasiões, procurou soluções de modo que cada peça desempenhasse múltiplas funções. Em suma, isto significa que o número de pés que calçavam as combinações de seus móveis escolares, podia ficar reduzido entre dois e quatro pés. Assim, neste caso, todos os elementos de apoio são ao mesmo tempo, perna de mesa e apoio do assento da cadeira (PETERS, 2006, p. 30).

⁴ Este arquiteto húngaro foi aluno da Bauhaus, ainda quando funcionava na cidade de Weimar. Por ser judeu, em 1933 foi obrigado a fugir da Alemanha nazista por perseguição. Morou um tempo em Londres e depois nos Estados Unidos, onde reencontra Walter Gropius, primeiro diretor da Bauhaus, e juntos fundam a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Harvard (WILK, 1981).

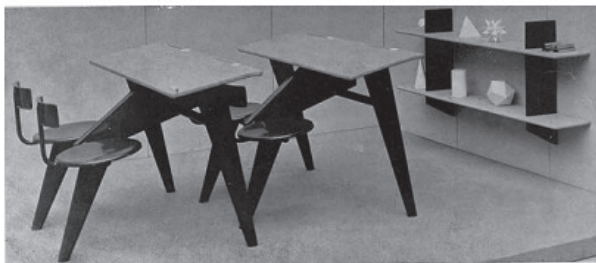
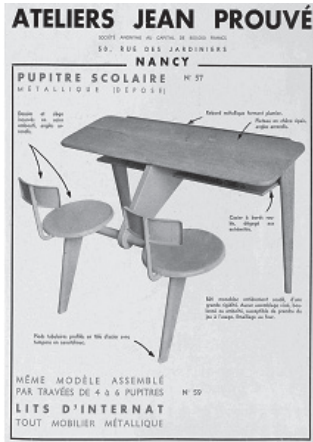


FIGURA 9 - CARTEIRAS DO ATELIÊ JEAN PROUVÉ

FONTE: Architecture d'Aujourd'hui (1938, p. 28), Collections (2012) e Architecture d'Aujourd'hui (1936, p. 77).

É possível perceber em poucos exemplos que esse arquiteto explorou de modo criativo elementos diversos em seus projetos de mobiliário. Ao utilizar madeira, aço tubular e, por vezes, alumínio, ele não escapou de ser apontado como praticante de uma arte de padrões estéticos industriais, comum na primeira metade do século XX. Contudo, Prouvé vai além do olhar de seus críticos, quando desnuda, por exemplo, os pés de apoio dessas belas peças (Figura 8), ele destaca a própria lógica construtiva desse equipamento de ensino, cujas partes que se encaixam portam a mensagem deste ser um mobiliário moderno marcado, em especial, pela sua funcionalidade.

Em reconhecimento à sua contribuição, no mesmo ano de criação da Sociedade dos “ateliers” Jean Prouvé, em 1947, o Ministério da Produção Industrial da França confere à sua empresa o importante e concorrido selo “Móvel da

França”, levando-o a investir cada vez mais na produção de móveis escolares. Apesar dessa recomendação, que alavancou sensivelmente seus negócios, suas inúmeras divergências com seu principal acionista, a *Aluminium Français*, em especial aquelas que dele exigiam uma produção em larga escala de seus produtos, levou em poucos anos à falência de sua empresa (SULZER, 1995; SULZER; SULZER-KLEINEMEIER, 2002). Por fim, acredito ser importante ressaltar que Jean Prouvé defendia que um móvel não se concebia apenas na prancha de desenho, por isso entendia ser compulsória a tarefa de pensá-lo, testá-lo, corrigi-lo e avaliá-lo, para somente depois aprovar sua produção em série.

A seguir temos o exemplo de outro importante arquiteto francês, contemporâneo de Jean Prouvé, que também será responsável por desenhar e produzir móveis pensados exclusivamente para a escola.

André Lurçat: arquiteto, urbanista e designer de móveis

Um dos mais importantes representantes arquitetos e urbanistas do movimento denominado *Style Internacional*, André Lurçat formou-se pela Escola de Belas Artes de Paris (1923). Em 1926, organizou a exposição *Architecture Internationale* em sua cidade natal (Nancy), quando a arquitetura da Bauhaus foi apresentada à França. Em 1928, dirigiu a comissão de urbanismo do primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado na Suíça, sob a presidência de Le Corbusier. Desde os tempos da academia tornou-se um dos expoentes marxistas de sua geração, não tendo sido um acaso ser ele o arquiteto que projetou para a municipalidade comunista de Villejuif, o Grupo Escolar Karl Max (1930-1933), marco da nova arquitetura francesa. Em seguida, foi convidado para lecionar no Instituto de Arquitetura de Moscou, entre os anos de 1934-1937 (COHEN, 1995).

De retorno a Paris, frente aos palcos da Segunda Guerra Mundial, Lurçat, juntamente com Pierre Villon e outros arquitetos do Partido Comunista Francês (PCF), organiza A Frente Nacional dos Arquitetos (FNA) contra a ocupação nazista, a Gestapo e o governo do Regime de Vinchy (VOLDMAN, 2011; 1995). Em 1945, já como membro do Conselho de Arquitetura do Ministério da Reconstrução, liderou a soerguimento da cidade de Maubeuge, destruída pelos bombardeios da *Deutsche Luftwaffe*. Realizou no pós-guerra diversos outros projetos de reconstrução de cidades, como as de Saint-Denis, Villejuif e Le Blanc-Mesnil. Nesta última, desenhou e supervisionou a construção de cinco escolas, alguns ateliers municipais, o cemitério, o Centro de Proteção

Maternal e Infantil Fernand Lamaze, as tribunas do estádio “Jean Bouin” e a prefeitura da cidade.

A militância desse urbanista e arquiteto nos círculos de sua corporação não o impediu de voltar seu olhar para a importância do mobiliário escolar. Contudo, observador dos malefícios do mobiliário fixo ao chão ou demasiadamente pesado, que impossibilitava a necessária mobilidade para fins pedagógicos, levou-o a pensar em um mobiliário leve e versátil ao desenhar mesas e cadeiras cuja produção em série foi confiada, desde o início, à tradicional empresa dos Irmãos Thonet⁵.

Em um raro catálogo editado pelos Irmãos Thonet, em 1933, encontramos uma série de móveis desenhados por Lurçat para o edifício que projetou para ser o Grupo Escolar Karl Marx. A Figura 9 apresenta exemplos de carteira individual para o maternal, mesa oval para feitura de trabalhos em grupos, também para os alunos do maternal, e carteira para dois alunos do curso primário. As linhas de seus móveis reforçam a ideia que Lurçat estava muito mais preocupado em apresentar projetos de móveis simples, mas que não deixassem de respeitar a idade da criança, que necessariamente um mobiliário sofisticado, distantes de suas convicções marxistas.



FIGURA 10 - ANÚNCIOS DE MOBILIÁRIO ESCOLAR (ANDRÉ LURÇAT, 1933)
FONTE: Catalogue Thonet (1994).

⁵ Em 1929, Michael Thonet inicia a produção de aço tubular ao publicar seu primeiro catálogo de móveis com esse tipo de material. Em 1931, obtém a licença para produzir os móveis de aço tubulares desenhados por Ludwig Mies van der Rohe (o último diretor da Bauhaus antes de ser fechada pelo regime nazista). Além deste importante arquiteto, fez contratos com outros do mesmo nível, tais como, André Lurçat, Le Corbusier, Jeanneret Pierre, Charlotte Perriand, Marcel Breuer, Reich Lilly e Bruno Weill (THE GROVE ENCYCLOPEDIA, 2006, p. 459)

Como seus contemporâneos, Lurçat também enfrentou o desafio do aço tubular em seus projetos. Um exemplo disso, o aço cromado e madeira que retomam certas formas das mesas anteriores. Uma inovação de Lurçat que teve pouca atenção de seus colegas arquitetos, médicos e educadores foi o mobiliário que desenhou para os refeitórios, considerados como menos importante por a criança permanecer pouco tempo naquele espaço. Estes foram desenhados em madeira com tampões em vidro translúcidos e temperados, mas que infelizmente, por seu peso e fragilidade, foi um material pouco utilizado posteriormente.

A partir do exemplo da sua carteira para dois alunos (Figura 10), é possível pensar no lugar de exercício de Lurçat e de sua cultura arquitetural. Vemos nela uma teoria que não deixa de ser tradicional, mas com princípios modernos oriundos de sua experiência pedagógica. A estética manifesta nas linhas que compõe esta carteira não deixa de ser uma procura de respostas, na medida em que a técnica e o material utilizado lhe imputava criatividade. Sintetizar um mobiliário adequado às novas demandas de uma escola, cuja plasticidade deveria compor a expressão de uma linguagem moderna, fez-lhe ampliar seus princípios de uma morfologia vanguardista que tinha a missão de pensar socialmente os problemas da própria escola frente à nova etapa da civilização industrial.

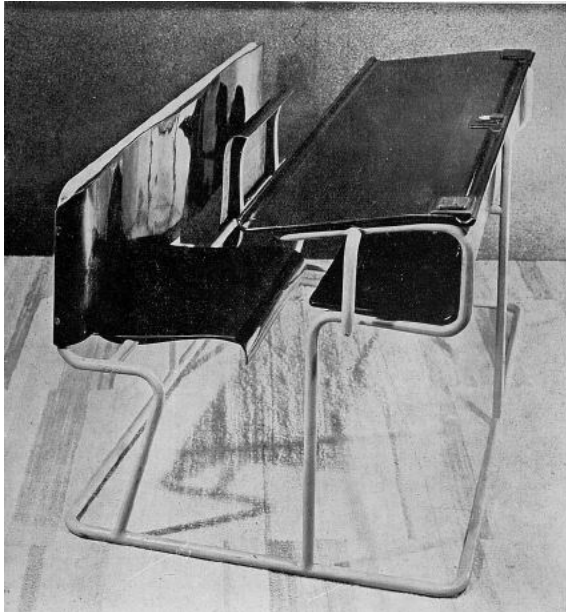


FIGURA 11 - CARTEIRA EM AÇO TUBULAR PARA 2 ALUNOS (ANDRÉ LURÇAT, 1933)
FONTE: *Architecture d'aujourd'hui* (1933, p. 95-96).

Considerações finais

Na Europa da primeira metade do século XX, vários dos grandes arquitetos foram autodidatas, exemplo de Jean Prouvé, Le Corbusier, Charlotte Perriand, etc. Muito mais que escultores, decoradores, designers, arquitetos e engenheiros, eles se autocompreendiam como artistas. Os dois que aqui nós discutimos olharam, através de suas linguagens vanguardistas, a educação infantil de modo diferenciado de muitos outros que voltavam seus olhares para esse universo. Seus edifícios e mobiliários escolares traduziram, por um lado, a funcionalidade do século XX, mas, por outro, não se desapegaram de suas linguagens artísticas.

Assim, é possível compreendê-los como colaboradores de uma cultura escolar material associada aos movimentos que lideraram ou participaram em defesa de novas ideias e conceitos para a arquitetura moderna do século XX. Esse foi um tempo em que se reconheceu mais abertamente o valor do mobiliário desenhado pelos grandes mestres ou por arquitetos de formação, os mesmos atores que estavam projetando os edifícios escolares europeus.

Uma prática que se tornou comum no ocidente europeu foi a opção desses grandes arquitetos também proporem modelos de móveis para edifícios escolares que eles mesmos projetavam. O objetivo era alcançar uma harmonia no interior do espaço arquitetural que não ficasse comprometida com a escolha de um mobiliário que não estivesse em conformidade com a linguagem arquitetural e artística do projeto. Uma segunda opção, ocasionalmente utilizada, foi aceitarem a missão de pensar o mobiliário para projetos de edifícios elaborados por outros arquitetos. Por conta dos movimentos vanguardistas em que atuaram, entre o projeto e a realização do edifício escolar, foi significativa a troca de ideias dos arquitetos com outros profissionais, até artistas, sobre o melhor mobiliário escolar a ser utilizado. Temos o exemplo dessa parceria com Jean Prouvé, que desenhou móveis escolares para a *École de Plein Air* de Suresnes sob a encomenda dos arquitetos que a projetaram, Beudoin e Lods, ou André Lurçat, que projetou o edifício do Grupo Escolar Karl Marx e se associou aos Irmãos Thonet para os móveis desta escola.

Uma preocupação constante desses arquitetos se dava na passagem do momento de inspiração e criação de seus desenhos para o de sua produção. É certo que os móveis escolares desenhados nos ateliês de Prouvé e Lurçat responderam às demandas médicas e pedagógicas de sua época, aliadas aos princípios de simplicidade e confortabilidade para uma escola que deveria ser simples para os padrões europeus. Entretanto, isso os levou à crítica constante aos seus construtores e suas ganâncias, lutando sempre que possível para que fosse mantido o baixo custo dos móveis que levassem a sua assinatura.

Apesar de sua contribuição e de muitos outros arquitetos vanguardistas da primeira metade do século XX, eles também tiveram que esperar para que suas mudanças fossem aceitas pelo universo escolar do modo como as desejavam. É certo que muitas das escolas da França não foram equipadas com modernos mobiliários que denunciavam a falta de atenção para a saúde do corpo dos estudantes. Eles mesmos, Prouvé e Lurçat, foram testemunhas que aquele mobiliário que utilizaram na sua época de alunos da escola primária ainda permanecia na segunda metade do século XX. Podemos perceber nas lentes do talentoso fotógrafo Robert Doisneau, contemporâneo desses arquitetos e que como poucos soube captar momentos ímpares do cotidiano escolar francês pós-guerra, dentre eles o mobiliário como cenário e sujeito das suas imagens (Figura 12).

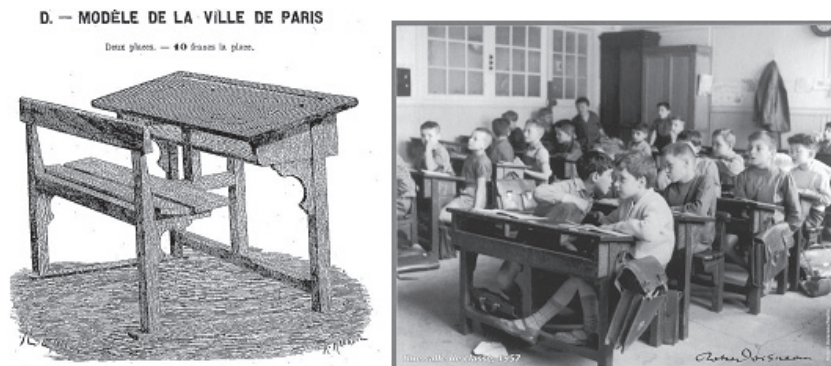


FIGURA 12: CADEIRA MODELO DA CIDADE DE PARIS DE 1882 / UNE SALLE DE CLASSE
FONTE: Catalogue (1882, p. 6) / Robert Doisneau, 1957.

A convivência nem sempre pacífica do mobiliário escolar em madeira e suas formas rígidas, pesadas e de difícil mobilidade (herança das instruções do Ministro da Instrução Pública da França, Jules Ferry, ainda no século XIX) com as propostas vanguardistas tornou-se um problema frente à produção de novos materiais. Se, por um lado, a presença de elementos de modernidade pedagógica e seus novos métodos de ensino, reformas curriculares e até mesmo a construção edifícios escolares com gramáticas arquiteturais modernas foi conquistando espaço no cenário educacional do século XX, por outro, as combinações e uso da materialidade do mobiliário escolar contrastava com tais mudanças e seus movimentos. A notória contribuição daqueles que constantemente pensaram o mobiliário como ferramenta que deveria valorizar todo o processo de aprendizagem escolar é responsável pelo surgimento de novas preocupações que modificariam novamente o cenário da produção industrial. Como vimos, o aço

tubular na década de 1930 traduzia uma revolução que incomodou sensivelmente a indústria madeireira, contudo, nos setenta anos seguintes, foi o uso de outros materiais, tais como a fibra em poliéster e o plástico que ocuparam um maior e vantajoso espaço comercial.

Ao final deste artigo levanto algumas reflexões sobre a realidade atual, que não serão aprofundadas em respeito à sua importância frente à minha superficialidade. São mais provocações ao leitor de questões, tais como: até que ponto mobiliários escolares de vanguarda, arquiteturas contemporâneas de edifícios monumentais, uniformes *fashions*, laboratórios *high tech* não servem para atender uma educação tradicional do ponto de vista da construção das capacidades intelectuais dos alunos do século XXI. Até que ponto a instituição educacional utiliza uma vestimenta contemporânea para uma prática antiquada? Uma segunda provocação que complementa a anterior trata da cultura material escolar enquanto peça que interage com o trabalho coletivo dos professores na busca de autonomia do conhecimento por parte dos estudantes frente às diferentes situações pedagógicas.

Os estudos históricos sobre a escola são cada vez mais instados a se perguntar que contribuições à cultura material fornecem na construção de explicações sobre a experiência escolar⁶. Neste artigo procurei demonstrar rapidamente que a versatilidade dos projetos de mobiliários escolares que foram desenhados por arquitetos vanguardistas se aproximavam das necessidades da realidade escolar, inicialmente intermediada por sua própria leitura do universo escolar, mas também como resultado do diálogo que mantiveram com os seus colegas médicos e educadores, juntamente com as autoridades de ensino do Estado e os construtores. Infelizmente este profícuo diálogo vem diminuindo ao ponto dos construtores assumirem para si a responsabilidade de propor o melhor mobiliário escolar, muitas vezes sem a necessidade de escutar as autoridades de ensino, médicos, arquitetos e, muitos menos, os educadores.

REFERÊNCIAS

ALBUM d'École de Plein Air de Suresnes Permanente de la ville de Suresnes (Seine). 1940.

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Revue Mensuelle*, Paris, 4^{me} Année, n. 1, jan./fév. 1933.

⁶ Parte desse debate pode ser consultado em Bencostta e Vidal (2010, p. 295-315).

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Revue Mensuelle*, Paris, 5^{me} Année - 4^{me} Série, n. 4, mai 1934.

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Revue Mensuelle*, Paris, 7^{me} Année, n. 5, mai 1936.

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Revue Mensuelle*, Paris, 7^{me} Année, n. 10, oct. 1936.

ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Revue Mensuelle*, Paris, 9^{me} Année, n. 8, août 1938.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História*, Franca, v.30, n.1, p. 369-411, jun. 2011.

BENCOSTTA, Marcus Levy; VIDAL, Diana. A historiografia da educação paranaense no cenário da história da educação brasileira: 10 anos de pesquisa na Universidade Federal do Paraná (1999-2008). *Educar em Revista*, Curitiba, n. 38, p. 295-315, dez. 2010.

BATIR. Bruxelles, n. 16, mars 1934.

CATALOGUE de Mobilier des Écoles. *Système Lenoir*. Série de Prix. 1879. Paris: A. Lenoir, 1879.

CATALOGUE de Mobilier Scolaire. *Matériel d'Enseignement*. P. Garcet & Nisius. Paris: Usine a Faucogney et a la Coorveraine, Février 1882.

CATALOGUE de Liste des Fournitures. *ET Du Matériel*: Al'usage des Maisons des Freres des Écoles Chrétiennes. Paris: Imprimerie de V. Goupy ET Jourdan, 1888-1889-1890.

CATALOGUE de Mobilier Scolaire: Modèles "L. Nisius". *Matériel d'Enseignement*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1913

CATALOGUE de Mobilier Scolaire em tube laqué E. Ulmann. Paris: Unis-France, 1935.

CATALOGUE THONET – Pionier des Industrie designs 1830-1900. Vitra Design Museum, 1994.

COBBERS, Arnt. *Marcel Breuer: 1902-1981: Criador da Forma do Século Vinte*. Köln: Taschen, 2008.

COHEN, Jean-Louis. *L'architecture d'André Lurçat: autocritique d'un moderne*. Paris: Mardaga Éditions, 1995.

COLLECTIONS Musée de l'Histoire du Fer. Nancy-Jarville. *Cliché Claude Philippot*. Paris: ADAGP, 2012

CORALINA, Cora. Cora Coralina: depoimento e antologia. *Revista Goiana de Artes*, UFG, v. 2, n. 2, p. 139-177, jul./dez. 1981.

CROQUIS de mobilier scolaire. Fonds Jean Pouvé (Centre Georges Pompidou), 2012.

DAMISH, Hubert. *Jean Prouvé "constructeur"*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1990.

GEOFFROY, Henri. *En classe, le travail des petits*. 1889. 1 cartão postal. Acervo particular.

INSTRUCTION SPÉCIALE concernant la construction, le mobilier et le matériel d'enseignement des écoles primaires élémentaires, 18 janvier 1887. In: La législation de l'instruction primaire en France depuis 1789 jusqu'à nos jours: recueil des lois, décrets, ordonnances, arrêtés, règlements... suivi d'une table... et précédé d'une introduction historique. V. de 1879 à 1887. Paris: Impr. de Delalain frères, 1889-1902.

GEEST, Jan Van. Jean Prouvé: möbel, furniture, meubles. Köln: Taschen, 1991.

HELLER, Geneviève. *Tiens-toi droit. L'enfant à l'école primaire au 19^e siècle: espace morale, sante. L'exemple voudois*. Lausanne: Editions d'en bas, 1988.

LA SEMAINE des constructeurs. Paris, n. 23, 6 déc. 1879, p. 270.

PETERS, Nils. *Jean Prouvé. 1901-1984. La dynamique de la création*. Cologne: Taschen, 2006.

PROUVÉ, Jean. *Cours du CNAM. 1957-1970*. Essai de reconstruction du cours a partir des Archives Jean Prouvé. Sprimont (Belgique): Mardaga Ed., 1990.

RÈGLEMENT MINISTÉRIEL du 17 juin de 1880 pour la construction et l'ameublement des maisons d'école. Paris: Libraire Ch. Delagrave, 1881.

SULZER, Peter. *Jean Prouvé: oeuvre complète*. Tome 1 (1917-1933). Berlin: Ernst Wasmuth Éditeur, 1995.

SULZER, Peter; SULZER-KLEINEMEIER, Erica. *Jean Prouvé, Highlights. 1917-1944*. Birkhäuser, 2002. v. 1.

THE GROVE Encyclopedia of Decorative Arts. New York: Oxford University Press, 2006. v. 1.

TRAITÉ D'HYGIÈNE publié en fascicules sous la direction de P. Brouardel et E. Mosny. Vol. VI, Hygiène Scolaire par les docteurs H. Méry et J. Genèvrier. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1914.

VOLDMAN, Danièle. La France d'un modele de reconstruction à l'autre. 1918-1945. In: BULLOCK, Nicholas; VERPOEST, Luc. (Ed.). *Living with History. 1914-1964*. Louvain: Leuven University Press, 2011. p. 60-71.

_____. L'épuration des architectes. *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, v. 39, n. 39-40, p. 26-27, 1995.

WILK, Christopher. Marcel Breuer: Furniture and Interiors. New York: The Museum of Modern Art, 1981.

Texto recebido em 30 de novembro de 2012.

Texto aprovado em 20 de fevereiro de 2013.